

José Ribamar Eliziário Filho (UFAM)¹
Keyla Cirqueira Cardoso Nunes (UFAM)²

RESUMO

A busca de um caminho para se estudar a ficção de Raul Pompéia numa homenagem ao seu centésimo quinquagésimo aniversário, incitou-nos a realizar reflexões sobre o romance *O Ateneu*, obra ficcional mais conhecida do autor. Nesse prisma, esse artigo tem por escopo discutir as relações de sexualidade e poder presentes na obra, bem como tecer brevemente e de forma recortada a fortuna crítica do romance. Para tanto, recorreremos a estudos críticos feitos por teóricos renomados que versam acerca do tema a ser discutido, sobre a estruturação literária, aspectos históricos, linguísticos e técnicas artísticas utilizadas pelo prosador que inovara sutilmente a sintaxe literária do romance do século XIX. Para a baila, mobilizaremos os críticos Luciana Stegagno-Picchio em *História da Literatura Brasileira* (2004), Alfredo Bosi em *História Concisa da Literatura Brasileira* (1994), Afrânio Coutinho com o livro *A literatura no Brasil Vol.04* (2004) e Michel Foucault em *História da Sexualidade* (1988).

Palavras-chave: Fortuna Crítica. Literatura. Poder. Sexualidade. Informações.

ABSTRACT

In honor of his hundredth fiftieth anniversary, we sought a way to study the fiction Raul Pompeia that led us to make reflections on the novel *O Ateneu*, his most known fictional work. In this perspective, this article aims to discuss the scope the relations of sexuality and power present in the work, as well as weave the critical fortune of the novel. To do so, we will use the critical studies made by renowned theorists that discussed the topic, the literary structure, the historical and linguistic aspects, and the artistic techniques used by the author that innovated literary syntax of nineteenth-century novel. Therefore, we used the critical Luciana Stegagno-Picchio in *História da Literatura Brasileira* (2004), Alfredo Bosi in *História Concisa da Literatura Brasileira* (1994), Coutinho Afrânio with the book *A literatura no Brasil Vol.04* (2004) and Michel Foucault in *História da Sexualidade* (1988).

Keywords: Critical Fortune . Literature. Power. Sexuality. Information.

¹ Aluno do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Instituto de Ciências Humanas e Letras. Manaus - AM - Brasil - CEP 69077-000. ribamarelizario@oi.com.br. Professor UNINILTON LINS.

² Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Instituto de Ciências Humanas e Letras. Manaus - AM - Brasil - CEP 69077-000. keylacardoso@hotmail.com - Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM).

INTRODUÇÃO

Raul d'Ávila Pompéia nasceu no ano de 1863 em Angra dos Reis - Rio de Janeiro, suicida-se em 25 de dezembro de 1895. Quando menino foi destaque no colégio Abílio como desenhista caricaturista. Entra para a Faculdade de Direito de São Paulo em 1881, o que facilita a participação em movimentos abolicionistas e na luta a favor da República.

Apesar de ter produzido outros textos, Raul Pompéia foi reconhecido como autor de um único romance *O Ateneu*, assim como o escritor Manoel Antônio de Almeida autor de *Memórias de um Sargento de Milícias*. Pompéia escreveu esse romance no começo de sua juventude. Inexperiente na vida, mas com o vigor da mocidade, deixou registradas fortes impressões das novas ideias que agitavam o seu tempo.

Seguindo nessa trilha, investigaremos as impressões que foram assinaladas pelo romancista. Procuraremos verificar as relações entre sexualidade e poder presentes na obra, bem como realizar um recorte sobre o que versam os mais renomados críticos da literatura brasileira acerca de Raul Pompéia e de sua obra mais representativa, observando os pontos de contatos e as divergências existentes entre eles. Daremos enfoque, também, na estrutura literária do romance, em seus aspectos linguísticos e nas técnicas artísticas utilizadas pelo prosador que inovara sutilmente a sintaxe literária do romance do século XIX. Para o sustentáculo da discussão, mobilizaremos teóricos como Luciana Stegagno-Picchio em *História da Literatura Brasileira* (2004), Alfredo Bosi em *História Concisa da Literatura Brasileira* (1994), Afrânio Coutinho com o livro *A literatura no Brasil Vol.04* (2004) e Michel Foucault em *História da Sexualidade* (1988).

1. UM RECORTE: O QUE DIZEM ALGUNS CRÍTICOS SOBRE O ATENEU

Para explanar com mais propriedade sobre a obra mais significativa da produção artística de Raul Pompéia, *O Ateneu*, convidaremos à baila alguns críticos e estudiosos da literatura brasileira, a começar por José Veríssimo com seu livro *História da Literatura Brasileira* (1915). O crítico atribuiu ao romance *O Ateneu* a amostra mais

perfeita do Naturalismo no Brasil. Distanciando-se, assim, de seus dois companheiros que compartilhavam o modelo literário vigente, Aluísio de Azevedo e Júlio Ribeiro, os quais seguiam à risca o paradigma literário francês, imolando dessa forma a originalidade artística que sobejava em Raul Pompéia. O que sobreleva Raul Pompéia dentre esses escritores é o talento acentuado na profusão de ideias e sensações não raro esquisitas e sempre curiosas, que fisga o leitor, suaviza a má impressão e dão ao livro uma qualidade agradável.

Em *História da Literatura Brasileira* (2004) de Luciana Stegagno-Picchio, encontramos um comentário pequeno, mas denso sobre Raul Pompeia e seu legado artístico. Para Luciana Stegagno-Picchio, o prosador Pompeia (1863-1895) foi tão psicológico e memorialista como Machado de Assis. Mas estava sentimentalmente mais ligado à sua matéria poética do que o Bruxo do Cosme Velho. O fato de ter vivido apenas trinta e dois não impediu o prosador de ter tido uma vida intensa e turbulenta. Ao contrário de Machado de Assis que teve uma vida duradoura, comedida e com reconhecimentos.

A autora comenta que precocemente (com dezessete anos) Pompeia estreou com o romance *Uma tragédia no Amazonas* em 1880. Nos aspectos conteudísticos já manifestava em seus escritos "a inquietação e o desejo de alibi-fuga e de transformação simbólica" e na forma um "desejo de perfeição anticlássica que em suas soluções de prosa musical inaugura o poema em prosa dos simbolistas" (STEGAGNO-PICCHIO, 2004, p. 424). Esses traços entrecortam, posteriormente, toda sua produção artística.

Retomando as palavras de Capistrano de Abreu, Stegagno-Picchio (2004) comenta que Raul Pompeia sempre permanecerá menino e que "terá uma vida de homem tímido, introvertido, suscetível, com as antenas sempre prontas a colher no mundo exterior sinais de repulsa e de condenação, assinalada pela derrota" (STEGAGNO-PICCHIO, 2004, p. 424). Essas características aparecem muitas vezes no plano literário, a começar com "*Microscópios*" (1881) que serviu de prospecto para *Canções sem metro* (ed. póstuma, 1900). Nessa obra, há um encontro entre a música e a prosa literária com metáforas inusitadas em associação com traços fônico-semântico. Ao concordar com Lêdo Ivo, Stegagno-Picchio anuncia que o ponto máximo da produção de Pompeia é a obra "*O Ateneu*" (1888). Livro que fixa o nome de Raul Pompeia na trajetória da literatura brasileira.

O Ateneu traz como subtítulo a epígrafe "crônica de saudades". A irônica epígrafe não deixa de se confirmar como verdadeira. Stegagno-Picchio pontua que é o primeiro grande romance de memória e da procura do tempo perdido da literatura brasileira. E também o mais europeu, já que os futuros prosadores, que registrarão a memória da infância ou uma introspecção autobiográfica, seguirão os trilhos da literatura regionalista ou nas palavras de Stegagno-Picchio da "reconstrução ambiental localista."

Nesse livro, o personagem central denominado Sérgio narra em primeira pessoa vários anos em que ficou estudando em regime interno no colégio Ateneu. De fato, Raul Pompéia estudou como interno no Colégio Abílio do Rio de Janeiro e o que ele registra no livro são experiências vividas na fase da adolescência, período em que esteve no Colégio Abílio. A obra denuncia a cruel e impossível convivência do autoritarismo e da arrogância dos superiores (diretor Aristarco) com o grupo dos jovens também de comportamentos ignóbil. Evidencia ainda, a timidez dos jovens frente à vida e ao amor heterossexual. Esse cenário marca a cultura determinista do fim do século XIX que também foi muito comum nas obras machadianas.

O romance inicia com as palavras do pai de Sérgio (Narrador): "Vais encontrar um mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta" (POMPEIA, 1996, p.1). Adiante encontraremos a história de Sérgio em confronto com aquele micro mundo (colégio Ateneu) onde adentrara pelas mãos do pai. O narrador nomeia o romance como "uma crônica de saudades", em que rememora um passado permeado de alegrias e tristezas, entusiasmos e decepções e, sobretudo um fio constante de náusea, tédio e indignação. O que predomina na narrativa são sentimentos de revolta de Sérgio contra a rotina da escola e as convenções protocolares as quais mascaram toda a ambiência do internato.

Segundo Stegagno-Picchio, o *O Ateneu* é uma miniatura do universo, uma metáfora da hierarquização da sociedade burguesa e do privilégio institucionalizado da elite dominante. Essas relações afloram pela desigualdade no tratamento dispensado aos alunos pagantes e não pagantes e na hipocrisia dos momentos litúrgicos nos domingos diante dos familiares.

Todas esses traços são registrados artisticamente por intermédio das palavras à maneira de um pintor e de um desenhista, funções também exercidas pelo prosador Raul Pompéia. Com seu estilo adornado, muitas das vezes associado aos escritos parnasianos,

foi considerado o primeiro autor de uma prosa impressionista e expressionista no Brasil. O exemplo-chave dessas características é a cena descrita "do piquenique no Jardim Botânico, no qual "os frangos, as patas contraídas sobre o dorso, a cabeça escondida na asa, pareciam dormir sonhando o *calembour* das penas perdidas" (Stegagno-Picchio, 2004, p.425).

Ao averiguarmos os estudos desenvolvidos pelo crítico Alfredo Bosi em *História Concisa da Literatura Brasileira* (1994), encontramos vários pontos de contato entre seus escritos e de Luciana Stegagno-Picchio. Bosi também concorda que Pompéia, assim como Machado de Assis, tinha o dom memorialista e de observação moral. E no exercício dessas qualidades deixava transparecer uma carga de passionalidade, motivo pelo qual seu único romance, *O Ateneu*, não pôde ser considerado totalmente realista. E por capturar momentos únicos e irrepetíveis, alguns o consideram como impressionista, outros o consideram como expressionista por retratar de forma mórbida e burlesca o mundo dos adolescentes.

Bosi confirma o que Stegagno-Picchio já afirmara: o livro *O Ateneu* está diretamente vinculado ao passado do autor e retomando as palavras de Mário de Andrade "o romancista se vinga". É perceptível também, assim como nas obras machadianas, uma sondagem psicológica desvelada pelo complexo edipiano representado por meio do afeto que o menino Sérgio nutre pela mulher de Aristarco (diretor do "Ateneu"), como também pelo "jogo masculino-feminino das relações entre alunos em plena crise da puberdade" (BOSI, 1994, p. 184).

Raul Pompéia tinha consciência de seu papel artístico. Caso sua obra tivesse estagnado na proposta de exteriorizar sentimentos reprimidos, não teria ultrapassado a proposta das narrativas românticas que pairam em torno da confidência e da evasão. Mas a obra de Pompéia sobrepuja essa perspectiva ao trazer à tona os recônditos obscuros da memória em torno de ambientes, cenas e personagens. Tudo plasmado por estrutura linguística que descreve, narra e dialoga.

O trabalho dispensado às construções linguísticas é evidenciado no ornamento dado as metáforas e nas comparações "Permitia, quando muito, que Rômulo a seguisse cabisbaixo e mudo, como um hipopótamo domesticado." (POMPÉIA, 1996, p. 68); "As mangueiras, como intermináveis serpentes, insinuavam-se pelo chão" (POMPÉIA, 1996, p. 112). Essas frases memoráveis expressam relações de similaridade um tanto agressivas e esdrúxulas.

Para o crítico Alfredo Bosi (1994), o esquema da narrativa apoiado no resgate de episódios guardados na memória de Pompéia bem como as matizes anuviadas que escondem os perfis dos adolescentes, representam um universo de *ressentimentos* em que estava submersa a personalidade de Raul Pompéia. Essa marca do romance de Pompéia se distancia dos livros de Machado de Assis, uma vez que este ao tecer seus textos procura se distanciar das reflexões pessoais que remetem à exteriorização de sentimentos reprimidos.

E para o próprio Raul Pompéia, o núcleo ideológico do romance *O Ateneu* está centrado na relação escola e sociedade, pois o Colégio Ateneu é uma representação metafórica da sociedade da época a qual era conduzida pelas ideias capitalistas e burguesas em que se imprimia a lei da selva e da seleção dos mais fortes. Esses traços nos remetem aos ideais da corrente cientificista denominada de Darwinismo. Movimento este relacionado às ideias da seleção natural ou da evolução das espécies.

Bosi pontua, ainda, que a engenhosa habilidade artística de Pompéia fez com que se destacasse entre os escritores naturalistas que comungavam os mesmos ideais da época, pois a obra de Aluísio Azevedo (exceto *O Cortiço*), a de Inglês de Sousa, a de Adolfo Caminha e a de Júlio Ribeiro foram produzidas seguindo modelos preconcebidos. Por isso, a produção desses autores foram consideradas como inferiores em relação ao romance *O Ateneu*.

Um outro teórico da literatura brasileira que pode enriquecer mais a fortuna crítica da produção literária de Raul Pompéia é Afrânio Coutinho com o livro *A literatura no Brasil Vol.04* (2004). Ao tratar dos escritos de Pompéia, Afrânio, como Bosi, sinaliza no início do texto a dificuldade que se tem em classificar literariamente o romancista. É Parnasianista, Realista, Naturalista, Psicologista ou Impressionista? Isso só intensifica a complexidade artística da produção do autor.

Na intensa atividade jornalística, Pompéia produziu vários trabalhos literários, ensaios, contos, fantasias, romances ou novelas, alguns incompletos outros apenas fragmentos. Mas desse conjunto, "*O Ateneu* irrompe como um daqueles gênios mágicos dos contos orientais que, imprevistamente, saltam do bojo de um vaso e tomam as mais extraordinárias proporções" (COUTINHO, 2004, p. 175). Referindo-se ao núcleo ideológico da narrativa, o crítico diz que o rancor e a sátira são "as notas dominantes do romance". Esse tom é direcionado para todos os lados, principalmente, contra o diretor do internato que revela sua rigidez a começar pelo nome de Aristarco.

Retomando as palavras de Araripe Júnior, Afrânio Coutinho (2004) define o estilo de Pompéia como "gesticulante", pois predominava n'*O Ateneu* uma atitude insofrida e agressiva. Esse traço aponta para uma identidade do romancista com o processo estético dos naturalistas que seguiam a linha dos irmãos Goncourt (escritores franceses do século XIX). Nesse processo, a realidade artística desnudada por intermédio da escrita de Pompéia, se distanciava da precisão e da frieza de uma fotografia. Falha cometida por Aluísio de Azevedo, que à sombra de Zola, incidiu nesse tipo de caracterização artística.

Um estilo próprio de Pompéia era a intromissão que fazia nos rodapés das páginas do romance. Esse ato acabava desnudando as reações individuais do escritor ao descrever um tipo ou uma cena. Para Pompéia era necessário que nessas notas de rodapé existissem o registro da personalidade do escritor, pois era dessa forma que manifestava o seu modo de sentir e a sua eloquência. Além disso, a cor da cena era imprescindível para Pompéia e ao fazê-la sobressair, anunciou mais uma de suas habilidades artísticas: a arte de desenhar. É assim que se engendra a arte impressionista de Raul Pompéia.

Para Afrânio Coutinho (2004), o fenômeno estético era uma preocupação constante para Pompéia, isso o impediu que se tornasse um romancista exemplar. A atração do romancista por uma estética diferenciada fez com que *O Ateneu* não tivesse uma unidade artística. É uma obra com traços estilísticos diversos. Dessa forma, só seremos capazes de absorver a técnica do romancista, se decomposmos esses estilos variados. A justificativa dessa técnica de composição é que *O Ateneu* teria sido produzido para ser publicado diariamente no jornal, no decorrer de três meses. Uma outra explicação para a profusão de estilo: Pompéia acreditava que a arte reproduz vibrações, e ele era um estudioso da teoria das vibrações.

Em várias passagens do livro, encontramos trechos que representam o perfil de um artista com a habilidade de um miniaturista, mas de natureza nervosa que libera sem contenção seu instinto deformador. Ao retratar o perfil de diretor, essa habilidade se ressalta:

Aristarco todo era um anúncio. [...] o olhar fulgurante, sob a crisperação áspera dos supercílios de monstro japonês, penetrando de luz as almas circunstantes [...] o queixo, severamente escanhado, de orelha a orelha, lembrava a lisura das consciências limpas [...]. A própria estatura, na imobilidade do gesto, na mudez do vulto, a simples estatura dizia dele: aqui está um grande homem... não veem os côvados de Golias?!... Reforça-se sobre tudo isto um par de bigodes, volutas maciças de fios alvos, torneadas a capricho, cobrindo os lábios, fecho de prata sobre o silêncio de ouro, que tão belamente impunha como o retraimento fecundo do seu espírito - teremos esboçado, moralmente, materialmente, o perfil do ilustre diretor. (POMPEIA, 1996, p.03).

Nesse trecho, a arte de Pompéia evidencia-se em suas características mais relevantes "a frase pinturesca e vivaz, as imagens ou expressões e adjetivos imprevistos, o senso plástico do desenho caricatural provocado pela mordacidade irônica." (COUTINHO, 2004, p.179). Por essa passagem, é perceptível que Pompéia inova a maneira como apreende a realidade. As descrições feitas diferem pelos detalhes que dão um enlevo artístico ao texto. Regurgita-se, também, nesse trecho o traço psicologista que se evidencia em várias passagens de *O Ateneu*, traço este que se camufla pela destreza artística do autor.

Transpor as técnicas das artes plásticas para o estilo do romance, não impunha a Pompéia nenhuma tarefa árdua, pois a mesma desenvoltura que tinha para desenhar, tinha também para escrever. Ao contrário do escritor Aluísio de Azevedo que foi seduzido pelas grandes massas, o que atraía Pompéia era "o pormenor, a mímica, os gestos, os tiques, o particular" (COUTINHO, 2004, p. 180). O romance de Pompéia é farto desses exemplos em que sobressai o traço impressionista como elementos pictóricos ou gráficos.

Seguindo a lição dos Goncourts ("escrever para os olhos"), o escritor desenha com as palavras. Assim, alguns de seus personagens adquirem contornos e fixidez de estampa. Essa marca de Pompéia se torna bastante singular, pois sua percepção artística que inspirava seu estilo romanesco, acabou acrescentando inovações na sintaxe literária desse gênero em nosso país.

2. O ATENEU: SEXUALIDADE E PODER

Repressão, tirania e autoritarismo são ações situadas no extremo oposto da liberdade. A dimensão desse embate vem estampada ao longo da obra *O Ateneu*, seus impactos e repercussões delineiam a carga de conflito que se estabelece nas relações das personagens do Romance uma vez que a sexualidade é um plano da individualidade humana que sempre despertou sentimento bastante singular. Inclusive, a dimensão simbólica da sexualidade, historicamente esteve presente em momentos de disputa quando a discussão versava sobre o confronto entre liberdade e repressão.

O Ateneu confere caráter bastante simbólico à sexualidade visto que a noção de liberdade e a resistência ao autoritarismo são discutidos exaustivamente no texto. Para estabelecer o debate acerca dessas relações de poder, o autor parte das noções de tirania,

sexualidade e liberdade. Tais conceitos são utilizados pelo prosador para construir apropriada reflexão e discussão em torno de uma sociedade emergente de perfil burguês, capitalista, eivada de hipocrisia cuja arrogância será facilmente afetada por meio de intervenção surgida do debate em torno de conceitos e preconceitos entre os quais historicamente tal sociedade vem se debatendo.

Como bem nos lembra Foucault (1988), existe, talvez, uma outra razão que torna para nós tão gratificante formular em termos de repressão as relações do sexo e do poder: é o que se poderia chamar o benefício do locutor. Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura. Daí essa solenidade com que se fala, hoje em dia, do sexo. Mas, por volta do século XVIII nasce uma incitação política, econômica, técnica, a falar do sexo. E não tanto sob a forma de uma teoria geral da sexualidade, mas sob forma de análise, de contabilidade, de classificação, e de especificação, através de pesquisas quantitativas ou causais. Levar "em conta" o sexo, formular sobre ele um discurso que não seja unicamente o da moral, mas da racionalidade, eis uma necessidade suficientemente nova para, no início, surpreender-se consigo mesma e procurar desculpar-se.

A sexualidade abordada na construção literária de Raul Pompéia possui um viés contundente, incômodo porque se intromete e atravessa uma conduta perfilada sobre a hipocrisia, por isso o desconforto é imediato, ruidoso, retumbante e corrosivo. É sensível o impacto dessa literatura combativa, mas que possui e maneja de maneira eficiente um fluente disfarce.

Sílvio José Benelli (2003) pontua que tomando o romance de Raul Pompéia como campo de análise, podemos acompanhar o menino Sérgio e seu mergulho no mundo institucional do internato escolar e verificar a presença e ação dos vários mecanismos que as instituições totais fazem funcionar com a finalidade de controlar e modelar e produzir o indivíduo. Pompéia descreve a "carreira moral" de Sérgio, ao longo de páginas densas de introspecção psicológica.

É essa perspectiva de poder e de autoritarismo que se inscreve ao longo das páginas de "*O Ateneu*". Ali um microcosmo se estrutura para anunciar, responder e denunciar estados e condições que nitidamente se filiam a um status sociopolítico,

destacando aspectos econômicos que também refletem a dimensão de um tempo histórico. O colégio Ateneu se reafirma em alegoria social, projetando em seu interior níveis de relações humanas percebidas em diversas instâncias sociais a partir de contradições e contrastes que evidenciam uma realidade, ilustrada por inegável densidade e introspecção psicológica, sem descuidar de sua dimensão artística, literária.

Essa imersão de Sérgio no microcosmo educacional revela uma cadeia de possibilidades acerca das diversas instituições sociais, apontando para a escola, a família, a igreja, entre outras instâncias de convivência, como responsáveis por uma discussão (ou pela sua ausência) em torno do poder e da liberdade.

A sexualidade é, provavelmente, o item mais delicado - não porque por si só o seja - a integrar o teor de discussão na obra em análise. O caráter de repressão que circunscreve o tema, atribui, via de regra, melindrosa condição a quem o aborda, a quem o enfrenta. É o que se percebe claramente em relação a Raul Pompéia que, somente após estudos e pesquisas mais detalhados e consistentes em torno de *O Ateneu* consegue ser "anistiado" de especulações personalistas em relação ao teor de seu romance, rotulado como meramente biográfico.

As atitudes de pesquisa que primam pelo reconhecimento artístico de *O Ateneu* recompõem, assim, o devido status de importância de autor e obra no cenário da Literatura. Entre as reflexões mais destacadas e consistentes é possível, também, extrair do livro, marcas contundentes de uma percepção política aguçada a respeito de pontuais considerações como se vê a seguir.

Duas vezes fora visitar o Ateneu antes da minha instalação. Ateneu era o grande colégio da época. Afamado por um sistema de nutrido reclame, mantido por um diretor que de tempos a tempos reformava o estabelecimento, pintando-o jeitosamente de novidade, como os negociantes que liquidam para recomeçar com artigos de última remessa; o Ateneu desde muito tinha consolidado crédito na preferência dos pais, sem levar em conta a simpatia da meninada, a cercar de aclamações o bombo vistoso dos anúncios. (POMPÉIA, 1996, p. 2).

Está materializado o aspecto mercantilista que se expressa sem pudor a declarar o tom capitalista de uma sociedade burguesa que então se instrui e estabelece, realçando o seu caráter elitista, pujante e esnobe. A terminologia do trecho em destaque, extraído das primeiras páginas do livro, é sintomática e oferece notável referência para tal impressão. A instituição educacional se mostra por meio de termos de sensível conteúdo mercadológico, reforçando a ideia de busca e pleno alcance mercantil, de sofisticado consumo e utilitarismo.

Por esta razão, Ricardo André Ferreira Martins no artigo intitulado *O Ateneu: representações da memória e do homoerotismo* (2011) considera Pompéia como um dos mais lúcidos escritores e intérpretes da estrutura socioeconômica e política da sociedade brasileira de fins do século XIX, documentando e analisando os aspectos culturais mais mesquinhos e típicos de nossa organização social. Crítica contundente ao sistema educacional brasileiro da época, *O Ateneu*, fazendo propaganda de uma pedagogia tida como “avançada”, com fins principalmente lucrativos, é o painel completo de uma sociedade hierarquizada, patriarcal, paternalista, construída sobre a cultura dos privilégios e a lógica dos vencimentos.

A sensibilidade de Pompéia se debruça sobre fragilidades e detalhes de uma sociedade que insiste em preservar comportamentos e condutas que até ali vigoraram como regra, mas que agora se situam em meio a questionamentos e contestações. O sistema educacional se expõe como alegoria de outros segmentos e instituições ante as próprias debilidades, simbolizando várias instâncias e esferas sociais e políticas, em pleno estado de mudança ou alteração de suas estruturas.

O debate político, em que de um lado está a monarquia e de outro a república, também se coloca em bases de reflexões, assim como a estrutura familiar e a dinâmica de um processo de reorganização que também está a caminho. As relações de produção e consumo também evidenciam transformações, realçando o motor do capitalismo que então a si já conferia feições a emoldurar uma sociedade mercantil, consumista e utilitarista.

Segundo Miskolci e Balieiro (2010), a leitura de *O Ateneu*, para além de sua apreciação estética, pode ser feita de forma sociológica se encararmos o romance como um “arquivo histórico” que revela aspectos importantes das mudanças culturais e políticas pelas quais passava a sociedade brasileira de fins do século XIX. A narrativa de Pompéia capta tensões e ambiguidades sociais que percorrem desde a vida dentro de um internato de elite até as relações mais amplas da esfera política nacional. Sua importância é mais bem compreendida quando consideramos o período de publicação do romance, no ponto de viragem entre o segundo império e a proclamação da república.

As condições políticas do final do século XIX, em boa medida, se converteram em matéria-prima para a composição do romance *O Ateneu* porque todos os contrastes, conflitos e contradições instalados naquele panorama interagem, tornando-se fonte e

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos discutir neste artigo as relações estabelecidas entre sexualidade e poder presentes na obra *O Ateneu*, assim como reunir informações que enriqueçam a fortuna crítica já construída em torno do romance.

Numa época em que a temática da sexualidade ainda se constitui em tabu, sendo objeto de proibição e repressão pela sociedade, Raul Pompéia, ainda que pague um preço alto, revela coragem ao tratar literariamente o assunto, cuja atitude é tomada como subversão aos valores ditados pela sociedade burguesa do século XIX.

Quando o escritor utiliza a linguagem artística para explorar a temática, ocupa um espaço, até certo ponto fora do alcance do poder, transgredindo regras e antecipando, com certa ênfase, indícios da liberdade futura.

Reiteramos que apesar da interferência de várias tendências estéticas, o estilo de *O Ateneu* é predominantemente impressionista. Notam-se intensas doses de impressionismo mediante utilização de imagens vagas, imprecisas, nas quais sobressai a impressão produzida pelo objeto na subjetividade do artista ou dos atores da narrativa. Em lugar da precisão e da impessoalidade realista, que procura focar o objeto em si mesmo, sem a intervenção do eu, a narrativa baseia-se em uma observação e perspectiva muito subjetiva, sensível e pessoal da realidade. As impressões do narrador-observador, julgamentos e valores são mais importantes que as dimensões e características reais das coisas e seres.

Com este procedimento, o autor introduz novos elementos na composição da narrativa, dando ao texto os efeitos e a feição de uma atmosfera circundante que tudo engloba, com forte apelo ao som, à luz, às sensações táteis, visuais, gustativas, olfativas, auditivas. Disto resulta um efeito expressionista em que a realidade é deformada, agigantada ou diminuída. Entretanto, o autor consegue representar, com este método, o

mecanismo da percepção do mundo ao redor do indivíduo que, assim, desnuda-se diante do leitor. O Ateneu é, portanto, "uma obra original, caleidoscópica e criativa sob todos os aspectos." (MARTINS, 2011, p. 5).

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 33. ed. rev. e atual. São Paulo: Editora Cultrix, 1994. p. 183-187.

BENELLI, Sílvio José. O Internato Escolar "O Ateneu": Produção de Subjetividade na Instituição Total. **Revista Psicologia USP**. São Paulo, v. 14, n. 06, 2003. p. 136-170. Disponível:<<http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42245>>. Acesso em: 27 out. 2013.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil - Era Realista/Era de Transição - v.IV**. 7. ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2004. p.174-182.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I. A vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1988. p.12.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Engenho Novo, 1915. p. 143.

MARTINS, Ricardo André Ferreira. O Ateneu: representações da memória e do homoerotismo. **Revista Litteris**. Rio Grande do Sul, v. 10, n.7, mar.2011, p. 5. Disponível:<http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/ATENEU_RICARDO_IRI.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2013.

MISKOLCI, Richard e BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. O Drama Público de Raul Pompéia: sexualidade e política no Brasil finissecular. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Carlos - SP. v. 26, n. 75, nov. 2010, p.75-88. Disponível:<<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v26n75/04.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2013.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. 16. ed. São Paulo: Ática, 1996.

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. **História da Literatura Brasileira**. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. p. 423-426.

Recebido: 30/11/2013

Aceito: 31/12/2013